



VISTA GERAL DE DURHAM.

ENTRE as cidades inglezas é celebre Durham pela sua romantica e picturesca situação, e pela grandiosa cathedral, que é o mais acabado monumento em que se pôde estudar o estylo da architectura normanda, como tal visitado e admirado pelos amantes das Artes. Assentada n'uma serie de eminencias contiguas, divisam-se, como em relevo mui saliente, as localidades que mais a caracterizam; a sé com suas tres torres; as muralhas enfileiradas do castello antigo, convertido em palacio; os socalcos de varias alturas cobertos de arvores e edificios irregulares; o rio Wear correndo ora para o poente, ora para o sul, ora para o nascente, em meandros atravessados por algumas pontes: todos estes objectos, que reunidos ou successivamente se appresentam ao espectador, agradam aos olhos e ao mesmo tempo trazem á lembrança muitas recordações historicas.

Durham é cabeça do condado palatino do mesmo nome: quanto á sua fundação, que parece não remontar alem do seculo decimo, conta o povo uma lenda que em summa diz o seguinte. Os monges de Lindisfarne ou ilha santa, fugindo á devastação e crueldades dos piratas dinamarquezes, metteram-se por terra dentro, levando o corpo do santo bispo Cudeberto; ao chegarem ao sitio onde hoje é Durham, o carro, que transportava as reliquias do bem-aventurado, parou por milagrosa intervenção permanecendo immovel contra todas as humanas diligencias; levantaram portanto os monges um tabernaculo alli; affluiram romeiros, concorreram poderosos, e começaram d'erigir templo mais amplo, que na successão dos tempos foi com magnificencia augmentado, agglomerando-se e crescendo povoação nesses contornos; e eis-aqui o principio da cidade, que se nos mostra na estampa que precede. De seus varios fados nada diremos, porque se casam com especialidades da historia britannica.

JUNHO 15 — 1844.

O castello, que serve de residencia ao bispo quando vem á cidade, assenta no mesmo outeiro em que está a cathedral, e que é o ponto culminante ou cavalleiro da povoação; a parte mais antiga foi mandada construir por Guilherme o conquistador, e dá indicios de que originariamente constava de quatro andares ou ordens de quartos, alem das abobadas: os edificios que completam o presente paço foram erectos em epochas diversas, e carecem de uniformidade: ha nelle uma formosa arcada, de fabrica mui antiga, e havida pela melhor amostra, ora existente, do estylo anglo-normando. Este paço occupa o lado do norte de um largo terreiro denominado *praça verde*, do qual sahe uma avenida que vai dar aos passeios publicos, sobranceiros ao rio.

A cidade tem mais seis igrejas parochiaes, merecendo nota S. Nicoláu pela antiguidade da construção, e St.^a Maria que assignalam como o lugar onde parou o carro com as reliquias de S. Cudeberto. — A meia milha de Durham jazem os restos do castello da donzella, o qual dizem ter sido fortaleza edificada pelos romanos.

O DUQUE DE RIPPERDA.

ENTRE os aventureiros famosos se fez celebre, no seculo passado, o duque de Ripperda pela variedade da sua fortuna e pelas honras e poder que obteve na côrte de Madrid, chegando a ser feito por Philippe 5.^o grande d'Hespanha, duque e ministro d'estado. João Guilherme, barão de Ripperda, era de uma familia nobre de Groninga; por algum tempo serviu a republica como coronel d'infanteria, e em 1715 foi mandado a Hespanha na qualidade de embaixador. A sua viveza e loquacidade tendo-lhe grangeado a affeição d'elrei catholico, julgou que lhe seria mais proveitoso entrar no serviço hespa-

2.^a SERIE — VOL. III.

nhol, renunciou por tanto á sua religião, fez-se catholico, e logo obteve a direcção de algumas manufacturas. Pouco satisfeito com este emprego, que era muito abaixo do que elle ambicionava, queixava-se amargamente e em publico dos ministros; este proceder em uma cõrte tão severa prova a sua leveza, que comtudo por então não lhe foi nociva, pois foi encarregado de ir a Vienna em 1724 tratar com o imperador Carlos 6.º

Elrei de França achando-se gravemente doente no principio do anno de 1725, os do seu conselho julgaram que devia immediatamente casar com uma princeza que lhe podesse dar logo successão, e por tanto que não podia esperar até que a infanta D. Maria Anna Victoria de Bourbon (*) tivesse a idade necessaria. O duque de Bourbon, presidente do gabinete de Versailles, em consequencia desta opinião, fez saber a infanta de França, aonde ella se estava educando como futura mulher de Luiz 15.º — Philippe 5.º, a quem esta affronta havia irritado, resolveu vingar-se, e sem fazer caso do congresso de Cambray que se tinha reunido para acabar com as desavenças entre a Austria e a Hespanha, ordenou ao duque de Ripperda que, com a maior brevidade, concluísse um tratado com o imperio; ordem que o duque executou assignando o tratado de Vienna de 30 de abril de 1725.

O duque quiz ser elle proprio o portador de tão agradável noticia para seus novos soberanos: partiu para Madrid, e no dia immediato á sua chegada achava-se morando no paço, e feito ministro dos negocios estrangeiros.

Uma reforma geral no governo, uma mudança completa no systema politico, o desenvolvimento da industria, o castigo rigoroso dos crimes, taes eram as suas promessas; imaginava mil planos, e todos julgava executar com a ajuda de Deus, de Nossa Senhora, do imperador, da imperatriz, e de S. S. M. M. catholicas! Em pouco tempo grangeou um grande numero de inimigos; os homens sensatos por lhe conhecerem a incapacidade, os outros pela arrogancia e atrevimento com que tratava grandes e pequenos. É incrível a leveza com que publicava os negocios de maior segredo: ao embaixador d'Inglaterra manifestava os desejos que a sua cõrte tinha de favorecer o pretendente; ao embaixador d'Austria não soube encobrir os passos que elle deu particularmente para unir de novo a França com a Hespanha. Como Philippe 5.º, ou para melhor dizer, a rainha, que completamente o dominava, preferia mandar todos os thesouros para Vienna, e mesmo abaixar a soberba castelhana, (**) a perdoar a injuria que lhe tinha feito a cõrte de Versailles, apenas soube dos planos do seu ministro pelo conde de Konisberg, embaixador d'Austria, repentinamente o demittiu de todos os seus empregos em 14 de maio de 1726. O duque, receiando ser prezo, refugiou-se em casa do embaixador d'Inglaterra, o coronel Stanhope. O governo hespanhol, temendo ver-se enredado pelas revela-

(*) Depois mulher d'elrei D. José 1.º

(**) No artigo 9 do tratado de Vienna era estipulado que todos aquelles que, durante a guerra, tinham seguido o partido do imperador ou do rei de Hespanha, entrassem não só na posse dos bens que lhes tinham sido confiscados, mas gozassem tambem das honras que tinham obtido durante a lucta. De sorte que muitos que o imperador tinha feito grandes de Hespanha fizeram registrar no conselho de Castella os seus alvarás, nos quaes se dizia que tinham merecido aquella honra por terem perdido os seus bens pela tyrannia do duque de Anjou.

lações que o ex-ministro podia fazer, empregou todos os meios para que elle lhe fosse entregue, e como o não podesse conseguir por negociações, mandou uma escolta de 60 soldados á embaixada ingleza, (:) e apesar do protesto do embaixador, o duque de Ripperda foi levado prisioneiro para o castello de Segovia.

Este foi o fim da sua fortuna tão rapida como pouco merecida: não tinha nem o talento, nem a habilidade necessaria para o alto emprego que exerceu; e pela sua inconstancia e imprudencia mostrou que não era capaz nem ainda de cousas muito mais pequenas.

O duque permaneceu esquecido na sua prisão até 2 de setembro de 1728; então tendo podido evadir-se do castello, atravessou Portugal disfarçado e em trajos de mercador, e embarcou para Inglaterra. Vendo que em Londres era recebido com frieza, passou-se para a Hollanda. O seu genio inquieto o levou a Marrocos, aonde se poz ao serviço do imperador, fez-se mahometano, soffreu a circumcisão, e tomou o nome d'Osniau. Pouco tempo durou a sua influencia nesse paiz, em breve foi obrigado a fugir, detestado dos christãos por ter renegado da fé e pelos seus continuos enredos, e dos mahometanos por se ter mettido a prégar um novo systema de religião. Depois da sua fugida de Marrocos foi morrer não se sabe bem aonde; dizem que á hora da morte se fizera de novo christão.

NÃO VALE A LIÇÃO MIL DOBRAS?

(Episodio das guerras de successão entre Castella e Portugal).

[1385].

I.

APHONSO DE VALENÇA.

Se me quereis ver morto, amores,
Amores matai-me já!

Cantiga popular.

« Tu no sientes contratiempos
« Como yo de sorte aviesa:
« A mi de pena e dolor
« Continuas lluvias me anegan.

« A ti de mi patria amada
« Ningun recuerdo te queda;
« Pero yo, triste, no puedo
« Dejar de llorar por ella.»

Ao longo do rio Nabão, na formosa e ampla campina em que está assentada a antiga e nobre villa de Thomar, ia descantando por uma linda manha do outono estas doloridas trovas um moço de bom parecer, mas segundo tudo n'elle indicava estrangeiro na terra. Era sentida a solfa, e a voz que a cantava mais era pranto que voz. Nem as ricas mar-

(:) O conselho de Castella, tendo sido consultado sobre se se poderia tirar por força o duque de Ripperda da casa do embaixador, decidiu que sim. Mr. Vattel, no seu direito das Gentes, approva esta decisão, e diz que as razões que o conselho expendeu são as mais judiciosas e verdadeiras.

gens do rio mui verdes e frescas, nem as memorias que deviam de lembrar, alem d'elle, na outra riba as ruinas, ou antes o chão, da antiga Nabancia. nem as recordações tão historicas da villa (1), a que parecia encaminhar-se, lhe offereciam a minima distracção. Toda a sua alma lhe sahia em lagrimas pelos olhos, exhalava em ais todo o espirito, e naquelle mavioso e desconsolado cantar todo o coração lhe sahia pelos labios. E porque assim se lastimava em tantos extremos de magoa bem se poderia dizer delle que ou saudades ou amores o ralavam. Namorado era com effeito o mancebo, pois só um namorado e bem namorado taes queixas faria no meio de tantas gallas naturaes como as que aos olhos se lhe estendiam na formosissima planicie que pisava.

Não caminhava porem sosinho o mancebo, acompanhava-o custosamente um homem de mais de meia idade, delgado e cambaio, cabelo grisalho, a fronte larga e espaçosa, macilento de rosto, um tanto corcovado, e com uns olhos tão pequenos, mas tão vivos e scintillantes que faziam lembrar os de um gato entre as sombras. Contrahia-lhe os cantos da larga boca um sorriso perenne, cheio de malicia e ao mesmo passo de pungente zombaria. Era emfim o todo do velho repugnante e repulsivo. Dava ares d'um tigre mascarado de rapoza.— Trazia elle prezo por um cabresto de corda o jumento que conduzia sua bagagem e pertencas, que de vez em quando tinha muito cuidado de examinar cautelosamente, concertando tudo e pondo-o em bom recado, como quem muito lhe cumpria guardar cousa de grande valor, lançando ao passo que o fazia uns olhos mui sagazes e prescrutadores ao moço que só magoas sentia e só nellas pensava. Este cuidado porem e cautelas singularmente contrastavam com o gibão de panno grosso de Segovia todo esboracado, com a gorra de côr mais que problematica, e com uns calções largos que trazia remendados em mais de vinte logares, e ainda assim bem pouco capazes de o resguardarem das intemperanças do ar, o que tudo junto boas mostras dava do nenhum cuidado que ao dono de tal trajo deviam dar os seus bens, segundo todas as apparencias pouco tentadores.

Por vezes tinha querido o velho começar sua pratica com o mancebo mas sempre em balde, que o não attendia elle, ou somente á sua dor queria atender.

Chegaram os dois ao pé de um pequeno olivedo que alli quasi á borda do caminho ficava, quando

(1) A villa de Thomar, em que vai passar-se este nosso pequeno episodio, é uma das mais antigamente nomeadas do reino. Dão geralmente por seu fundador a D. Galdim Paes, mestre da ordem dos templarios, no reinado de elrei D. Affonso Henriques. Discorda-se porem notavelmente no anno da sua fundação. O auctor da terceira parte da Monarchia Lusitana conjecturou que fosse no anno de Christo 1137. O seu continuador no 6.º vol. affirma que elrei fizera doação a D. Galdim das terras e villa de Thomar então deserta, sem mais povoação que o castello de *Ceras* pela era de 1147, mencionando um foral dado pelo dito D. Galdim no mesmo anno e mais dois concedidos pelo mesmo em 1162 e 1174. Ha porem uma inscripção, que contra estes dois pareceres diz que a villa se começara a edificar no 1.º de Março da era de Cezar 1193 (de Christo 1160) achando-se a mesma repetida em tres logares diversos — junto ás escadas do convento da ordem de Christo; no logar chamado porta da Rainha; e ainda dentro do castello d'Almoural, segundo algumas memorias. Para nós temos que a doação feita por D. Affonso Henriques não era da propria villa senão do sitio em que depois se edificou. Em todo o caso a villa foi obra dos Templarios.

um escudeiro montado n'uma boa mula castelhana, ajaezada de verde, acertou de passar por elles. Saudou-os o escudeiro e, talvez cansado d'uma longa jornada sem companhia, demorou o largo passo da sua cavalgadura dando mostras de quem se achava com boa disposição de encetar conversa.

«De longe vindes, amigo — disse elle examinando com interesse a boa figura e o rosto pallido do mancebo.»

«Ai! de bem longe, meu amo — acudiu o velho volvendo alternativamente os olhos para a carga do seu jumento e para o escudeiro cujos bigodes negros e cara tostada meamente lhe pareciam agradar — de mim vos posso eu dizer que de bem longe, pois este mancebo só ha pouco o encontrei, e por ser solitario o caminho com elle me ajuntei, posto que me não tenha dado palavra, nem haja ainda feito mais do que suspirar e gemer com grande tristura.»

«Nessa idade e já com tamanhas penas! Cousa grande ha ahí... mas esperem...»

—«A ti de mi patria amada
«Ningun recuerdo te queda,
«Pero yo, triste, no puedo
«Dejar de llorar por ella.»

Cantarolava o namorado moço tão absorto em seus pensamentos que nem dera pelo recém-chegado.

«Por Diós! — atalhou o escudeiro — que o moço estouvado canta-me lingua de castelhanos. Antes de moiros a cantáras tu, rapaz, antes, que bem moiros são os que assim nos tem feito moirejar... ah! perros!»

A injuria do escudeiro pareceu fazer algum effeito no mancebo, animou-o uma rapida centelha de indignação, e erguendo os olhos fitou-os no seu interruptor talvez com intento de replicar energicamente, mas o rosto que viu era tão benevolo, tinha um ar de bondade tão opposto á dureza do seu fallar que o moço nem palavra deu. Suspirou e continuou a andar.

«Ainda bem que já olhas para a gente.— Ora vamos, amigo, magoas fóra, e se acceitas o meu conselho vamos aqui para este olivedo que nos está a abrir os braços e a offerecer descanso, e ahí tomaremos uma *parva* como diz lá o reverendo padre cappellão do meu Sr. D. Nuno, que é o velho mais recheado de *latim* que tenho vista em dias da minha vida. D'aqui á villa vão boas duas legoas: hemos de ter tempo de esmoer, que já não vos deixarei se é que para lá caminhaes como parece. Não hei grandes farturas que offerecer-vos, mas emfim para tres chegará.»

Dizendo, o escudeiro tenteára uma especie de sacóla preza do arção dianteiro, a qual em verdade dava mostras de caminhar apressadamente para uma pthysica irremediavel.

Ouvindo fallar de D. Nuno o moço tomou um ar meio agreste e doloroso, e como que accitou tacitamente o convite sem cerimonia do escudeiro, que sendo homem de juntar logo á palavra as obras indireitou para o olivedo seguido do mancebo e do velho, o qual sem tirar os olhos do seu jumento, o tocava com visivel repugnancia, e como homem que se resigna por não ter outro remedio. O logar era só, a cara do escudeiro não lhe tinha cahido muito em graça, e quanto ao pedestre companheiro a que se aggregára de certo que ainda não podia ter nelle grande somma de confiança. Era tudo por tanto mais que bastante para assustar quem tão cuidado-

so pelo caminho se mostrára e tantos desejos indicára de se ver já na villa. Temendo porem excitar suspeitas condescendeu e foi-se com os dois para o lugar indicado. Chegados que elles foram o escudeiro tirou o freio á sua mula, desafivellou a sacóla, e estendeu-se na relva patenteando o que trazia, que em boa verdade pela quantidade carecia bem da prevençáo que em fórma de preambulo fizera a seu respeito o escudeiro.

«Ora vamos, meu velho honrado — disse elle — procurai tambem nos vossos alforges que tem um bojo de fazer appetite, procurai bem talvez acheis alguma cousa que accrescentar ao nosso almoço. Vêde lá que para tres estamos bem pobremmente abastecidos . . . mas que é isso? tremcis como se vos tomára frio de maleitas . . .»

E era verdade, o velho tremia todo buscando encostar-se á carga do seu pacífico jumento — que se deitára á herva com a melhor vontade e com a mais perfeita indifferença para com as convulsas inquietações do dono — como se quizera encubrir com a seu quasi diaphano vulto os cubiçados alforges.

«Não . . . meu nobre senhor . . . — respondeu emfim o tremulo velho — nada trago . . . não, nada, nada. Sou um pobre velho . . . tenho vindo a pedir esmolla por esses caminhos . . . Deus bem sabe se isto é verdade . . . não tenho nada.»

«Vejamoss sempre — respondeu o escudeiro a quem o terror do velho tinha mettido na cabeça exactamente o contrario do que elle tão dolorosamente affirmava — vejamos; olhai cá, talvez que eu tenha melhor vista. Está-se-me figurando que não deveis de trazer esses gordos alforges cheios de ar: bom será ver.»

E o escudeiro sem fazer caso dos suores em que o velho estava, posto que a manhaã já fosse mui soffrivelmente fria, nem dos transes mortaes em que o mettêra, encaminhou-se com toda a gravidade para os bemaventurados alforges com a visivel intençaõ de os examinar escrupulosamente.

Não tentaremos nós aqui, leitores, descrever-vos a desesperaçáo do pobre homem: ficariamos muito abaixo da verdade. — As queixas e magoas amorosas do mancebo eram nada em eomparaçáo da dor profunda e intima do velho. Desfez-se em protestos e lagrimas, invocou todos os santos e santas do paraíso, e embrulhando grande copia de lastimas e rogativas com todos quantos titulos honorificos lhe lembraram fez os mais patheticos extremos para desviar o escudeiro das suas intençaõs. Porem tempo perdido! o bom do nosso amigo parecia de marmore; e, surdo como um tronco, nem por isso deixava de continuar mui sisudo no seu pio empenho. Já elle ia desatacar os cordões de laã dos alforges quando o velho no ultimo do desespero agarrando-se-lhe ao gibão e cabido a seus pés lhe bradou:

«Não punhais ahí as mãos, não . . . meu bom senhor. — Senhor de minha alma não lhe punhais as mãos, que tudo o que ahí vem é para o illustre Sr. D. Nuno Alvares, meu . . .»

«Para meu Sr. D. Nuno? — respondeu suspendendo-se o escudeiro em quem fez muito maior effeito este só nome do que toda a ladainha de lamentações que enfiára o velho.

«Sr. sim. — Para o muito alto e poderoso Sr. D. Nuno Alvares . . . D. Nuno Alvares Pereira . . . são . . .» — acudiu o ancião já muito mais senhor de si pelo bom resultado que observava.

«Se mentís velho de . . .»

«Sr. não, que vos não minto, e breve o podereis

ver se me acompanhades até á villa, pois em sendo lá chegado heide logo appresentar-me ao Sr. Fronteiro (2) D. Nuno para . . .»

«Basta, basta. Com isso me calo, e visto ter o que levais tal destino, e não quererdes reforçar o nosso almoço — respondeu o escudeiro olhando piedosamente para o tal chamado almoço que de certo não ameaçava ninguem de indigestão — repartiremos do que houver . . . e mãos á obra.»

Em seguida estenderam-se os tres em roda d'um bragal, que o previdente escudeiro desenrolára sobre a relva e que parecia servir pela centesima vez, tantas eram as nodoas de todas as cores que lhe davam boas pareenças com a pelle de um tigre. O velho sentado o mais proximo que pôde dos seus presados alforges, o mancebo pensativo e silencioso, e o escudeiro esfaimado como um lobo. Não peccava este ultimo por ceremonioso: assim sem instar muito com os seus commensaes, que pareciam mui recolhidos cada qual com o seu pensamento, do que elle nada se lhe dava, começou as suas funcções mastigatorias com tão perfeito desembaraço e tão completa mudez que parecia não ter no mundo outro cuidado. Etal foi a diligencia com que o nosso amigo proseguia nesta sua mui louvavel empreza que em menos d'um credo não deixou sobre o bragal senão um osso, tão escrupulosamente roido, que fôra impossivel achar-lhe a minima parcella de carne adherente, e com ella as migalhas d'uma especie de bolo de farinha amaçada com mel, quasi á similhaça das nossas bróas, que o escudeiro, levando á boca a ponta do bragal, tinha o cuidado de recolher attentamente. Certo emfim de que não havia já mais que apanhar resolveu-se a quebrar o silencio, não sem primeiro verificar com grande cuidado se no osso ou no bragal haveria ainda algum residuo com que dar exercicio aos seus ávidos queixos.»

«Bom! — exclamou elle com ar de triumphante satisfação limpando os bigodes — excellente almoço por minha vida! Que tal vos pareceu?»

O bom do escudeiro que só ao seu estomago attendêra, com total exclusão de tudo o mais, e que não notára haver talhado para si a parte do leão, fez esta pergunta com tamanha boa fé, que o mancebo não pôde deixar de sorrir, e o velho se não estivera, lá de si para si, entretido na importante occupaçaõ de o recommendar a todos os diabos, teria tambem rido de boa vontade.

Havendo assim moderado o appetite o nosso amigo escudeiro sentiu despertar-se-lhe a curiosidade, e dirigindo-se ao mancebo disse-lhe: —

Neste pouco tempo que hemos andado juntos já eu conheci que não eras desta terra. A tua cantiga me disse seres castelhano . . . Socega-te . . . Lá na batalha sim, lá se nos vissemos crê que já terias sabido como pésa um punho de portuguez quando menos . . . mas por aqui, e assim desarmado como estás, e com esses ares doloridos podes ficar descansado . . . Tambem por cá andam muitos dos teus . . . Se nas guerras do meu Sr. D. Nuno, cuja bandeira sigo, e com honra Deus louvado, nunca deixei perder occasião de descarregar um golpe, nem por isso no remanso da paz, que me consentem, deixo de sentir que tenho um coração humano. Pero Vasques nunca soube . . .

«Pero Vasques! — exclamou o mancebo todo sobressaltado.»

«Pero Vasques, sim — respondeu o escudeiro

(2) Fronteiro d'entre Tejo e Odiana pelo Mestre d'Aviz.

admirado — Pero Vasques sou eu — que te espanta?»

«Sois vós Pero Vasques? — acudiu o moço com a duvida de quem lhe custa a acreditar cousa que muito deseja.»

«Como queres que to diga — tornou Pero rindo da estupefacção do castelhano. — Sou Pero Vasques para te servir, Pero Vasques bem conhecido, homem fidalgo, escudeiro fiel do Sr. Fronteiro D. Nuno, e ao presente pobre como o santo patriarcha Job, cujo exemplo tanto nos prega o reverendo padre capellão, a quem nunca faltam boas dobras e escudos.»

«Já que esse sois, Sr. — respondeu o moço — é força que eu vos conte tambem quem sou. Chamava-se meu pai Fernando Aphonso de Zamora.»

«Bem sei — atalhou Pero — é aquelle Fernando Aphonso que andava com oitenta de cavallo a devastar toda a comarca d'entre Doiro e Minho, e que o conde D. Pedro desbaratou e prendeu em (3) St.º Tirso de riba D'ave.»

«Esse era, Sr. — Foi meu pai levado á cidade do Porto e eu com elle, prisioneiros ambos. Ditosa prisão, Sr., que d'ella tive occasião de ver a mais perfeita creatura que Deus fez descer do céu.»

«Sim, sim, perfeita como todas as requestadas. É sabido...»

«Mais que todas, Sr.: Violante era o seu nome.»

«Violante!»

«E posto que pobre fosse, e tão pobre que lá na cidade fazia o officio de serva em casa de seu primo, homem em muito extremo brutal, a todas levava tal vantagem de formosura, que em vez de lhe chamarem pelo seu nome não a conheciam senão pelo de *flor de lindeza*, alcunha que muito lhe quadrava.»

«E quadra ainda.»

«Apenas me puzeram em liberdade sem mais me importar nem patria, nem as cinzas de meu pai, que lá ficaram na sua prisão, cuidei só em vir procurá-la. Vêde lá como lhe eu quero. Tenho andado dia e noite, e agora julgai da minha alegria quando acho em vós, Sr. escudeiro, a pessoa que eu procurava, e que não sabia como buscasse.»

«Pois que! sabeis já que Violante está em minha casa?»

«Senhor, sim. Sei que não podendo aturar os maus tratos daquelle seu primo veio para companhia de uma sua parente e vossa irmã que abi vive comvosco nessa villa, onde vós servis o Sr. Fronteiro D. Nuno.»

«Que não saberão namorados. Agora saibamos tambem como te chamas.»

«Aphonso de Valença.»

«Aphonso de Valença! — bradou o escudeiro pasmado como um homem a quem por engano houvessem trocado alguma resposta importante.» — Violante tem-me fallado muita vez d'esse nome.»

«Tem? — perguntou o castelhano todo alvoroçado e com as faces afogueadas.»

«Tem — acudiu o escudeiro — mas esse tal dizia-me ella que era *cégo côxo e momo*.»

Uma estrondosa gargalhada do escudeiro acompanhou esta estranha resposta!

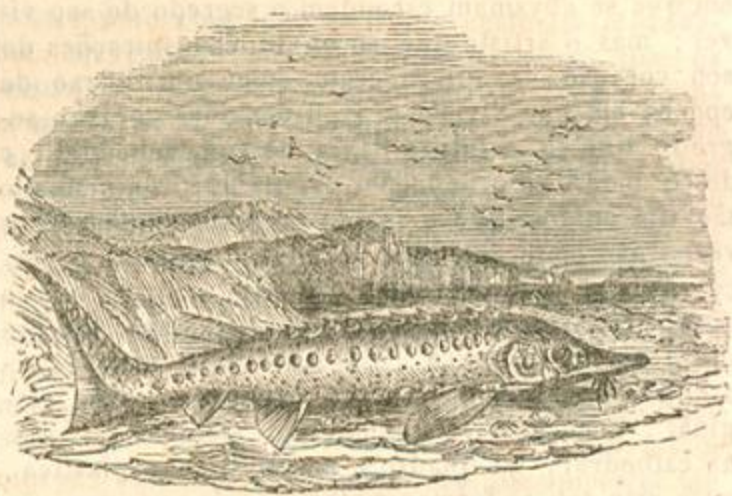
[Continua.]

O ESTURJÃO OU PEIXE DA COLLA.

O ESTURJÃO pertence áquella ordem de peixes cartilaginosos, em que entram os tubarões, e que in-

(3) Fernão Lopes.

clue os maiores e mais formidaveis de toda a respectiva classe. Em consequencia da peculiar structura do esqueleto, estes peixes continuam a crescer em quanto vivem, de forma que, habitando o mar largo e encontrando poucos inimigos, chegam a tamanho tão enorme que o seu pezo e dimensões parecem incriveis. A especie mais pequena é o solho rei, a mais estimada para a mesa; a maior é o peixe da colla, ou esturjão grande. Acham-se nos mares do norte da Europa e da America; e no começo do verão emigram para os grandes rios e lagos, e voltam ao mar depois de terem desovado. — No Garonna, costa de França, fazem-se pescarias periodicas de esturjões; abundam no mar das Canárias, e tomam-se muitos n'alguns rios de Inglaterra, de que se fornece o mercado de Londres. Em tempos mais antigos apanhavam-se com frequencia em o nosso Tejo, e alguns d'extraordinario tamanho; prova o que pescaram no pego de Montalvão e de que demos noticia a pag. 360 do vol. 3.º da 1.ª Serie



O solho-rei é muito procurado para comer, e já o tinham por excellente iguaria os antigos gregos e romanos. Plinio affirma que o punham na meza com grande pompa e ornado de flores; os escravos que o levavam iam enfeitados de grinaldas e acompanhados de musica. Ainda hoje os gastronomos o apreciam em muito; e posto de escabeche se vende em muitos mercados da Europa: dizem que o melhor vem da Russia, como tambem o *caviar*, que é feito com as ovas do mesmo peixe, e preparado do seguinte modo: tira-se a pelle ou involucre das ovas, lavam-se em vinagre ou vinho branco e põem-se a enxugar espalhadas n'uma taboa ao ar, salgam-se depois bem com sal pisado, mettem-se n'um sacco e espreme-se-lhe a salmoura, embarrilam-se a final e assim vão para a venda. Em 1833, só a quantidade de caviar embarcada nos portos do Mar-Negro e do Mar d'Azof excedeu a milhão e meio de libras inglezas de peso; e ainda esta é uma pequena parte do que se prepara annualmente, por quanto nas tres quaresmas que observa o povo russo consome-se uma porção enorme. A exportação principal é para a Italia; em França e Inglaterra gasta-se muito menos.

A colla feita do esturjão, tirada das membranas deste peixe, como o buxo, &c., é a melhor e a mais pura de todas as collas fabricadas com productos animaes. É quasi gelatina pura; quatro partes della convertem cem partes de agua n'uma geleia tremula, e neste estado serve para engrossar sopas e mólhos. Misturada com gomma emprega-se para lustrar fitas e outros artefactos de seda. O uso que della se faz para clarificar vinhos, assim como outros muitos empregos são geralmente conhecidos.

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA.

Exposição de 1843.

VI. (*)

ESCUPTURA.

Esculpir uma estatua tão bella como o Apollo de Belveder, ou um grupo tão expressivo como o do Laocoonte, ou um relevo tão difficiloso como o de Rossi, é o alvo, e o fim a que se dirigem os estudos, e os trabalhos do escultor; mas para elle conseguir este fim, precisa alem do genio natural muitos estudos theoricos e praticos.

Memoria d'Esculptura, por Francisco de Assis Rodrigues.

A ARTE é o santuario da verdade; — as gerações passam sobre a terra pensando que no sepulchro em que se abysmam escondem o segredo do seu viver; mas o artista que só ouviu as inspirações do seu coração, as quaes eram como um reflexo da epocha em que vivia, gravou nas suas obras o segredo que só o futuro havia de comprehender, e deste modo as produções artisticas de um seculo são um enigma que o seculo seguinte ainda muitas vezes não póde decifrar. Estudai o passado e perceberéis o que deixámos dito. A verdade que o chronista receou manifestar completamente nas paginas da sua chronica, que o trovador apenas deixou perceber por entre o seu formoso e singelo imaginar, a encontrareis completa, vigorosa e exacta na cathedral, no quadro e na estatua: a plastica, ou a arte sob as formas materiaes, é o precioso archivo em que o passado depositou a sua historia; é um livro de milhares de paginas, do qual cada palavra é uma crença, ou uma recordação: essas paginas de verdade ahi estão expostas ás vistas das gerações: umas as admiram, outras as leem; mas poucas as comprehendem. De immensos factos nos restam memorias nas produções da arte, e de muitos só nessas produções existem; mas d'entre todos os acontecimentos que tem influido no destino do genero humano, o mais solemne, o mais importante foi o apparecimento do christianismo, desse novo astro de luz pura e eterna, que derramava as torrentes da sua luz sobre os erros que, sepultados em a noite dos tempos passados, podiam enganar o espirito que nas trévas do entendimento lhe não houvesse percebido os absurdos e as falsidades; e ao mesmo tempo que dissipando a mysteriosa escuridão do futuro, os raios dessa luz indicavam a direcção do infinito, que é uma revelação da vida eterna: para marcar de um modo solemne e magestoso o apparecimento da nova epocha, toda a humanidade concorreu, e não é este o lugar de fallarmos em todas as transformações do pensamento, que arrancaram do seio de uma civilisação rachitica e anomala uma civilisação que tem por futuro a eternidade. Recordemo-nos unicamente de como a plastica solemnisou tão sublime acontecimento. A architectura foi um hymno inspirado, e a harmoniosa poesia escripta pelo extase e pelo sentimento, no mais christão de todos os monumentos; na cathedral assemelhava-se á poesia virgem e tambem harmoniosa do rei propheta: porque a architectura da idade media foi um cantico em louvor da Re-

(*) Continuado de pag. 184.

dempção, e os salmos eram um louvor ao apparecimento futuro desse mysterio: a poesia é tão lyrica em um dos primeiros livros do mundo como em a manifestação do santo pensamento que elevava para o céu não só as almas, mas tambem a pedra. Em quanto a poesia lyrica se transformava na architectura, a pintura, tornando-se em imagem pura dos affectos, decabia, é verdade; mas semelhante ao sol que envolto nas sombras da noite se submerge no occidente para depois surgir radioso no afogueado oriente; assim a pintura, sepultada em sepulchro abençoado, esperava por uma nova vida pura e sublime: Raphael de Urbino gozou este viver depurado dos miasmas do materialismo, o qual Cimabue e Giotto já tinham previsto; mas ainda não havia uma epopéa que houvesse cantado tão immortal feito, que fosse uma sua consequencia, uma rigorosa prova da influencia que esse acontecimento havia tido em todo o espirito humano: até que apparece Miguel Angelo e escreve o primeiro canto deste poema, que nunca será terminado, e que será immortal como a idéa de que nasceu. Canova escreve o outro canto, e a esculptura, epopéa formosa da idolatria, transforma-se em sublime epopéa do christianismo. (**) O Moyses de Miguel Angelo é semelhante a um pensamento de Dante; a Magdalena de Canova a uma lagrima do cantor das cruzadas.

A nossa esculptura tem sempre seguido o estylo desenvolvimento pelo christianismo — accitando a formosura convencional da fórma como uma condição sujeita á sublimidade e formosura absoluta do pensamento — é esta uma das vantagens que devemos ao tardio nascimento da nossa nação. Portugal nascido com o caracter completo de nacionalidade no primeiro quartel do seculo XII não podia deixar de ser crente; ainda no berço espedaçou o crescente, que o cercava com uma atmospheria de ferro, e a cruz foi o primeiro e unico symbolo da sua independencia — e a nossa historia prova que se um baptismo de sangue nos fez livres, a unção da fé nos fez sempre crentes; o passado demonstra esta verdade, que o futuro não hade, nem deve desmentir; e são estes os motivos porque dos dois elementos que constituem a arte, o sentimento, e a fórma, é sempre o sentir o que mais se manifesta em as nossas produções artisticas, e mormente na esculptura.

Se não receassemos trahir um destes segredos que uma extrema modestia de artista não permite que se vulgarise diriamos claramente neste logar a razão porque ácerca de tão importante ponto como o que deixámos mencionado, e que se liga com a historia da nossa esculptura; não faremos todas as reflexões que tencionavamos e deviamos fazer; mas por ora só podêmos dizer que um artista, homem de letras, e por ambos os titulos honrosos bem conhecido e louvado, está compondo obra digna do assumpto e do auctor. Perdoe-nos o intelligente artista se em proveito do publico que já muito ganha com tão boa noticia, abusamos alguma cousa da sua confiança: mas fique certo que só o desejo de conservarmos sem quebra a sua valiosa estima nos obrigou a occultar o seu nome.

Dizer que o sentimento domina em a esculptura

(**) Esta opinião, que talvez não seja a de muita gente, deveria ser acompanhada de algumas ponderações que a justificassem se não receassemos prolongar estes nossos artigos; mas tencionamos publicar em separado o que ácerca deste assumpto temos escripto, e que talvez ainda este anno sahirá á luz.

portugueza não é pertender avançar que a forma não seja estudada com cuidado, e até muito considerada; e sem fallarmos dos nossos antigos esculptores, na exposição appareceram provas desta verdade, e os que admiravam os grupos poeticos e re-passados de sentimento, em que o Sr. Assis levantou um monumento á memoria de um grande homem, e á gratidão esquecida de um povo inteiro; tambem no laboratorio d'esculptura haviam de ver com prazer a engraçada e bella estatua de Nayade, de 8 palmos de altura: no pedestal desta elegante e bem modellada estatua se poderiam escrever os versos que um poeta celebre descrevêra em obra de primor e graça:

Non fonte mi cangió, non la mia stella,
Non vinacqui del mare: Italo fabro
Quando vita mi diè, mi fé piú bella.

A pedra de que a estatua foi formada não corre para que pareça ter uma exacta semelhança com o encantador modello, moldado em gesso; mas bem examinado, a differença não é tão grande como talvez pareça a algumas pessoas, e a que existe, ainda que pouca, depende só da qualidade da pedra; é o que não póde deixar de haver em consequencia das circumstancias: ouvimos que a Camara Municipal tencionava ornar com esta estatua uma das suas obras; será mister bastante attenção nesta escolha, não porque em caso algum possa ser prejudicial a estatua; mas porque em quasi todos póde pelo contraste peorar a situação das obras, das quaes algumas pelo gosto não se recommendam muito, baja vista, para citar pouco, a miscelanea avantajada de pedra e argamaça, em que se estão convertendo seis ou oito contos de réis em uma das entradas do passeio publico, a qual vai bem de accordo com a que está terminada! e com as gigantesas figuras que dentro de um lago de pequena circumferencia se encostam ao immenso e grosso pedestal de uma immensa bacia de pedra, que tambem podia servir de lago, dentro do qual estivessem com mais proporção os cisnes de pedra, que no lago superior pelo tamanho parecem patos, o que não admira, porque haviam sido feitos para um lago mais pequeno da quinta real da Bemposta. A Academia das Bellas-Artes não é ouvida quando se trata de aformosear a cidade ou de levantar qualquer monumento [que não passa do projecto]; mas tambem está vingada!

Ao fallarmos em monumentos lembrou-nos que ainda não dissemos que destino se tencionava dar a qualquer dos grupos do Sr. Assis; mas a este respeito tanto sabemos nós como o artista e a Academia. Ouvimos dizer que sobre o theatro do rocio se queria collocar um busto de Camões, e que talvez servisse algum dos pensamentos do Sr. Assis, não acreditámos isto pelos seguintes motivos, entre outros. Sem ter-mos um monumento digno do epico, do guerreiro, que immortalizou o nome portuguez, parece-nos impossivel que ninguem se lembrasse de collocar o seu busto sobre um theatro, não é porque esta situação seja em nada deshonorosa; mas porque nem para todos os genios é propria: collocai em Sagres a estatua d'elrei D. José; no centro da nossa cidade, renascida d'entre as cinzas, a estatua do infante D. Henrique, e depois tambem podeis collocar o busto de Gil Vicente no theatro anatomico do hospital de S. José, e o de Camões sobre o theatro nacional! Se Molière vivesse acharia

em tudo isto muito mais ridiculo com que fizesse rir toda a França, do que encontrou nos burguezes com pertencões de fidalgos, e nas mulheres com pertencões de doutores; talvez se responda a estas allegações citando a estatua de Napoleão, que, com muita propriedade ou sem ella, tem servido para differentes fins. Napoleão de metal, de gesso, de assucar povoa a França, e talvez o numero das suas estatuas enchesse o campo de Marte: concordámos com tudo isto; mas levantem primeiro um monumento a Camões, que leve á posteridade não só a sua memoria, mas a da sua espada e da sua epopéa que fez admirar o mundo civilisado, e depois até podeis assentar um dos seus bustos á sombra dos chorões do lago da alfandega; mas antes disso não se lembrem de o collocar sobre o theatro, porque alem da impropriedade, roubam um lugar que pertence a outro genio digno tambem de um monumento; mas um monumento que seja um theatro, pois a estatua e o busto de Gil Vicente em nenhum outro lugar poderá estar melhor do que sobre o theatro portuguez, do qual por certo foi o fundador: o segundo motivo porque julgámos que os grupos do Sr. Assis não serão para o theatro, ainda que se realice esta lembrança extravagante, é porque se tem manifestado um desejo de formar com este theatro uma antithese perfeita ao monumento que lhe está fronteiro. A estatua equestre não só na execução, mas em toda a concepção, é portugueza; o theatro hade em tudo ser estrangeiro; na execução Deus sabe com que pena o não será; mas se ha quem tanta aversão tenha pelo que é nacional, que até a roupa que veste não hade ser portugueza, nem hade passar por mãos portuguezas, é porque tudo isto é mais facil do que importar de reinos estrangeiros uma caravana de canteiros e pedreiros para construirem um edificio, e depois ninguem póde affirmar que a paciencia de um povo os deixasse, não diremos concluir, mas encetar os seus trabalhos: quanto á concepção é differente; tem-se visto que nada é mais facil. Algumas das estatuas que hão de ornar o theatro tinham já sido modelladas em barro pelo Sr. Assis: chegámos a ver a estatua severa da tragedia e a elegante estatua da comedia; mas hoje é opinião sabida, e da qual se não duvida, que nem o Sr. Assis, nem a Academia, ou portuguez nenhum será auctor dessas estatuas; certos instinctos economicos, que ás vezes surgem para entre o desgoverno servem de justificar sem fundamento mais esta injustiça: um estrangeiro hade modellar e mandar executar as estatuas: não é a elle nem aos outros seus collegas que censuraremos ou quereremos mal: onde são estranhos o seu fim, é o interesse, e nisto são bem nacionais, são coherentes, e até merecedores de elogio: mas se fosse possivel que os portuguezes houvessem degenerado a ponto que entre elles apparecesse infamia tão requintada, que tendo a facilidade de se patentear com todo o descaro ante os que servilmente servia, ao passo que soubesse encobrir-se com o véu da hypocrisia ante os que desejava atraiçoar, então acabaria cedo e para sempre em Portugal a gratidão e o amor das artes, e uma voz maldita se alevantaria para enfurecida censurar quantos monumentos de genio possuimos: o grupo do Sr. Assis, o baixo-relevo sublime e primoroso do Sr. Cerqueira, do qual ainda havemos de fallar, seriam arrastados pelo lodo da maledicencia, porque eram lembranças da patria uidas ás inspirações sublimes da arte, e essa voz lançaria a ca-

lúmia até no monumento, sobre as escadas do qual jazessem moribundas de fome as filhas de Machado de Castro. Se uma tal imposição podesse ser verdadeira, a arte acabaria na patria dos nomes illustres que essa voz manchasse; os artistas arremecariam as suas obras ao Tejo, e refugiados na Batalha, em Belem e em Mafra, iriam para a solidão chorar a desgraça da patria, e essa mesma patria amaldiçoaria e desprezaria depois quem lhe houvesse querido espedaçar o sceptro de genio que nem podia tocar; mas ainda os genios apparecem; a ingratição e a calúnia não os tem podido afugentar: a esculptura portugueza, celebre desde que o insigne Antonio Pereira (::) gravou com o seu escópro a fama do nome portuguez na fronte arrogante do leão hespanhol, e José de Almeida imitou na pedra o morbido da carne, e na estatua de S. Paulo nos deixou memoria do seu vasto talento e muito saber, a gloria da nossa esculptura tem sempre sido conservada e augmentada por varios esculptores, e entre outros por Machado, F. J. Rodrigues, e o bem ponco conhecido, mas bem celebre, Leal; e hoje os esculptores contemporaneos mostraram na recente exposiçãõ que são elos dessa cadeia de genios, que luminosa atravessa sempre intacta as trévas do tempo, que comprehendem a missãõ da esculptura e que o Sr. Assis ainda joven tambem comprehendia quando escreveu a memoria erudita, de que trasladámos a epigrapha deste nosso artigo. Substitui nesse texto o grupo Laocoonte pelo de M. Angelo, Moysés pela Magdalena de Canova, e vereis completamente desenvolvida a idéa que o Sr. Assis já nesse tempo formava da arte christã, e que bem manifestou na escolha que fez do Laocoonte para modello da expressãõ, pois que ainda se não negou á sublimidade de algumas das obras de Platão, apesar de no mundo haver apparecido a mais sublime das obras: o Evangelho.

Assim como no Apollo de Belveder ha alguma cousa da harmonia e puresa da civilisação grega, tambem no grupo do Laocoonte está uma imagem do pensamento que ditava algum dos escriptos do mais famoso discipulo de Socrates.

A humanidade suspirou sempre pelo viver do pensamento, presentiu-o na singela existencia primitiva, imaginou-o entre o tumulto da barbaria, e até o viu entre os delirios da dissoluçãõ; mas só o gozou depois da Redempçãõ, e só o futuro o comprehenderá.

(Continuar-se-ha).

S. J. Ribeiro de Sá.

Biographia.

D. FR. AMADOR ARRAES.

ESTE illustre portuguez era filho de Simão Arraes, natural da cidade de Beja na provincia do Alemtejo. Desde os seus mais verdes annos mostrou o joven Arraes possuir grandes talentos, e seu pai, que o destinára para a carreira ecclesiastica, confiou a sua educação a Fr. Candido da Soledade, conventual dos frades carmelitas da referida cidade. Foram taes os progressos que Arraes fizera, que não tardou muito que viesse a Lisboa e entrasse noviço na religiãõ carmelita no dia 24 de janeiro de 1545. Um anno depois passou para o collegio de Coimbra, aonde se applicou á philosophia e á theologia com

(::) Vid. nota no fim do artigo seguinte.

geral applauso, chegando a receber o grãõ de doutor em theologia na universidade de Coimbra. A fama de suas virtudes e saber começou então a espalhar-se pelo reino, e chegou até aos ouvidos do joven, porem malfadado, rei D. Sebastião, que quiz assistir a um de seus sermões, e tanto lhe agradeu que desde logo o nomeou prégador regio, ou, segundo a usança desses tempos, seu prégador. Como orador evangelico poucos no seu seculo o igualaram não só por summa erudição, como por elegante facundia. Todos estes dotes, acompanhados de prudencia e virtuosas acções, o fizeram eger pelo cardeal D. Henrique, quando arcebispo d'Evora, para coadjutor. Em 23 de julho de 1578 o mesmo cardeal lhe conferiu o titulo do bispo Adrumentino, que depois se mudou no de Tripoli; e parecendo-lhe este lugar pequeno premio para tamanho merecimento, o fez seu esmoler-mór.

Pela morte fatal do pupillo e sobrinho do cardeal rei passando Portugal ao captiveiro dos sessenta annos de escravidãõ e vituperio sob o dominio de Hespanha, Fr. Amador Arraes vivia retirado no meio dos seus livros e dos seus estudos, quando Filippe 2.º, sabedor do seu merito, o nomeou para o bispado de Portalegre, vago pela remoção de D. André de Noronha para melhor diocese. A nomeação teve logar em 30 de outubro de 1581, e desde então o virtuoso prelado entregou-se todo ás obrigações de sollicito pastor, mostrando-se, segundo os biographos, benigno pai para os bons, severo juiz para os máus, e profuso dispenseiro para os pobres, donzellas, viúvas e captivos. Resgatou com graves sommas de dinheiro todos os soldados da sua diocese que tinham sido captivos na desgraçada batalha de Alcacerquivir: manifestando-se por essas epochas o flagello da peste no reino, como se não bastassem as desventuras que o affligiam, soccorreu ainda com perigo de vida aos inficionados, ministrando-lhes os allivios tanto corporaes como espirituaes: ornou a cathedral da sua diocese com pavimento de pedra marmorea, e mandou construir a capella-mór com toda a magnificencia: trabalhou com grande desvello nas constituições, por onde se governou muitos annos o bispado de Portalegre; e a todas estas qualidades juntou uma parcimonia e modestia tal, que no seu exterior mais parecia um austero religioso, do que um principe ecclesiastico.

Lembrado porem do silencio e quietação da sua cella, cançado dos trabalhos e ruido do mundo, renunciou o bispado no anno de 1596, e se recolheu ao collegio de Coimbra, aonde professára. Depois de uma penosa enfermidade entregou a alma ao Creador no 1.º de agosto de 1600. Foi sepultado no meio da capella-mór do collegio de Coimbra em sepultura rasa, com simples epitaphio.

As obras que nos ficaram deste douto prelado são uns dialogos que começára seu irmão, e que elle corrigira e accrescentára. Com quanto Barbosa não mencione osta circumstancia, achámo-la no Sumario da Bibliotheca Lusitana, e com effeito no sentir dos eruditos é exacta.

Estes dialogos foram impressos em Coimbra no anno de 1589, e reimpressos em 1604. Algumas de suas sentenças e de seus aphorismos temos nós copiado nos columnas deste nosso semanario. A moral que elles encerram, a pureza da expressãõ, a força do estylo e do raciocinio, são as qualidades salientes que se encontram nos escriptos de um dos mais distinctos ornamentos do claustro portuguez, D. Fr. Amador Arraes.